

**UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ- UVA  
CENTRO DE FILOSOFIA, LETRAS E EDUCAÇÃO - CENFLE  
CURSO DE LETRAS - HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**JOSÉ LEONARDO MOURA DA SILVA**

**UM EXEMPLÁRIO DA EVOLUÇÃO DIACRÔNICA DA LÍNGUA PORTUGUESA A  
PARTIR DOS METAPLASMOS**

**SOBRAL-2016**

**JOSÉ LEONARDO MOURA DA SILVA**

**UM EXEMPLÁRIO DA EVOLUÇÃO DIACRÔNICA DA LÍNGUA PORTUGUESA A  
PARTIR DOS METAPLASMOS**

Artigo apresentado ao curso de Letras Habilitação em Língua Portuguesa da Universidade Estadual Vale do Acaraú como requisito parcial para obtenção da aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de curso-TCC.

**SOBRAL-2016**

## UM EXEMPLÁRIO DA EVOLUÇÃO DIACRÔNICA DA LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DOS METAPLASMOS

Artigo científico apresentado ao curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú como requisito parcial para a obtenção da aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso.

---

José Leonardo Moura da Silva

Artigo Aprovado em: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Orientador (a): \_\_\_\_\_

Prof<sup>or</sup>. Francisco Francilei Bezerra de Araújo, Esp. (UVA)

1º Examinador: \_\_\_\_\_

Prof<sup>or</sup>. Raimundo Francisco Gomes, Dr. (UVA)

2º Examinador: \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Maria das Doris Moreira de Araújo, Msc. (UVA)

Coordenador (a) do curso:

---

Prof<sup>a</sup>. Candice Helen Glenday, Msc. (UVA)

## UM EXEMPLÁRIO DA EVOLUÇÃO DIACRÔNICA DA LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DOS METAPLASMOS

SILVA, José Leonardo Moura da<sup>1</sup>  
ARAÚJO, Francisco Francilei Bezerra de<sup>2</sup>

**RESUMO:** A pesquisa tem por objetivo apresentar a análise linguística-interna da Língua Portuguesa nos primeiros períodos de seu desenvolvimento e difusão pelo Ocidente. Tendo como bases epistemológicas, os trabalhos já publicados dos professores Coutinho (1958) e Melo (1967), está estruturada essa especulação nos tópicos: evolução histórica externa da língua portuguesa, evolução interna das línguas naturais, e da teoria e aplicação dos metaplasmos universais e analogia, que foram fatores decisivos para a construção do português arcaico e moderno, na qual Percebemos que a língua é um organismo vivo e passível de mudanças históricas-estruturais.

**Palavras-Chave:** História Externa. História Interna. Evolução da Língua. Metaplasmos. Analogia.

### 1 INTRODUÇÃO

O conhecimento perante às mudanças formais, no plano do desenvolvimento histórico-gramatical da nossa língua materna e a comparação diacrônica da mesma em relação aos processos de evolução externos e internos justificam a razão fundamental, na qual desenvolvemos a presente pesquisa.

Toda língua em qualquer que seja seu contexto, histórico, social e/ou político, é constituída

---

1 Acadêmico do 8º semestre do curso de letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú.  
E-mail: [leo.otemponaopara.com@gmail.com](mailto:leo.otemponaopara.com@gmail.com)

2 Professor Especialista lotado no curso de letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú.  
E-mail: [francileiaraujo@hotmail.com](mailto:francileiaraujo@hotmail.com)

basicamente de fatores extrínsecos e intrínsecos (desenvolvimento gramatical da língua), que a caracterizam como singular e a definem valorosamente dentro de uma determinada sociedade onde realizam-se mental e perceptivelmente em todos os falantes nativos.

Estes fatores, sejam fonéticos (tipos de som pertencentes a determinados grupos de falantes), morfológicos (organização dos morfemas nas palavras com suas construções e flexões), sintáticos (organização lógica do locutor), ou semânticos (atribuições significativas), estão presentes em todos os dialetos do planeta. Sendo assim, para as construções do português, não poderiam ser diferentes.

A formação estrutural, morfológica, fonológica e sintática, e a diacronia da língua portuguesa estão ligadas ao domínio do Império Romano; a língua do povo dominador -o latim clássico- se impôs a quase todas as regiões da Europa apresentando-se em duas modalidades: o Latim Gramatical, cultuado pela classe escolarizada de Roma e o Vulgar. Esta modalidade era apenas falada. Devido ao escasso número de evidências escritas, as conclusões pressupõem consideravelmente a hipótese. Porém, não podemos desconsiderar a segunda alternativa, já que a esta deve-se o aparecimento do português arcaico.

Ao longo da Idade Medieval, várias línguas se formaram com a mistura de substratos<sup>3</sup> já existentes nas regiões. Na Península Ibérica, tínhamos o catalão, língua de cultura da região da Catalunha, Espanha, o castelhano e o galego-português no Condado portucalense e Galiza. Mais tarde, a influência dos falantes do sul seria mais preponderante, separando o galego e o português atual.

Este trabalho está voltado principalmente para o estudo da importância do conhecimento das mudanças estruturais morfológicas ocorridas com o português, pois aqui configura-se uma maneira de analisá-lo e explicá-lo através da diacronia em seu processo de formação.

Pressupomos que a tarefa é árdua, pois os percalços que envolvem a pesquisa são muitos e as fontes possíveis de confiança para o presente estudo são difíceis. Por isso iniciamos nossas argumentações partindo da ideia de que o levantamento de hipóteses e a tentativa de explicação comparativa ainda sejam as melhores maneiras para o desenvolvimento positivo dos argumentos.

---

3 Segundo Jean Dubois em seu Dicionário de Linguística: designa toda língua falada que, numa região determinada, por várias razões, foi substituída por outra, cumprindo tomar em consideração a influência que a língua anterior pode ter sobre a língua que a sucede.

As línguas estão em constante processo de mudanças.

Através dos dados, este trabalho tem por objetivo analisar a teoria dos metaplasmos aplicados à língua portuguesa em sua fase inicial. Pois o processo de formação da língua não para, os acontecimentos continuam atuando e modificando-se conforme o decorrer do tempo.

A partir da segunda seção, procuraremos diferenciar sistematicamente história externa e interna. Traçamos através dos estudos de Coutinho (1967) e do professor Melo (1967), os parâmetros pelos quais nos foram legados essas estruturas. Seguiremos com as temáticas de construção da língua, na discussão a respeito dos metaplasmos.

## **2. PRESSUPOSTOS DE DISTINÇÃO: HISTÓRIA EXTERNA E INTERNA**

A história externa da língua portuguesa inicia-se com o seu aparecimento derivada do latim vulgar na cultura ocidental, enquanto que a interna corresponde à evolução mediante os processos de mudanças. Internamente, a língua pode ser organizada perante às estruturas fonéticas, das quais todos os falantes têm consciência de seu som. Morfológicas, nas quais todos os sons se organizam em sílabas para formarem palavras. Sintáticas, na construção das frases e semânticas, na atribuição de sentidos. Portanto:

*Há que distinguir entre história externa e história interna de uma língua qualquer. A primeira é mais a história dos acontecimentos políticos, sociais e culturais que tiveram repercussão ou consequências linguísticas, é a história cultural de um povo ( ou de povos que se sucedem numa região), mais história cultural elaborada com acento tônico na língua. A segunda é a descrição do processamento das divergências, é o estabelecimento de evolução fonética, morfológica, sintática e semântica.(MELO, 1967, p.109).*

História externa está ligada aos processos culturais e sociais no contexto em que estão inseridas essas línguas. Enquanto que a interna corresponde à formação de um sistema psíquico, capaz organizar as ideias de maneira que todos os homens se comuniquem entre si. Nesta, por sua

vez, estão incluídos os metaplasmos. Diz-nos Coutinho a esse respeito que “metaplasmos são transformações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução. Os fonemas constituem o material sonoro da língua. Este material está como tudo mais, sujeito à lei fatal das transformações”. (1951, p.152).

Assim, diante da afirmação do professor Melo e a definição citada por Coutinho, concluímos que as discussões acerca da cultura linguística (história externa) e a evolução estrutural (história interna) perpassam por todas as comunidades de falantes. Sobre este conceito nos afirma também Jean Dubois que “metaplasmos são mudanças fonéticas que consistem na alteração de uma palavra pela supressão, adição ou permuta”(1973,p.142).

Traços do latim ainda são surpreendentemente vistos no português moderno. Exemplos disso temos alguns prefixos, palavras incorporadas ao léxico, dentre outros. Prova de que a língua latina ainda está viva em nosso cotidiano literário e científico. No entanto, muito do original sumiu, ou melhor dizendo, transformou-se. É nesta perspectiva que abordamos os futuros tópicos aqui selecionados. Ao concluirmos com a história do português, queremos pôr em evidência a total mudança externa e os fatores pelos quais integram essa mudança. Ao concluirmos o segundo, pomos em destaque suas variações externas, deixando para o último os principais metaplasmos que contribuem para o aparecimento de novas formas de comunicação, as línguas naturais.

## 2.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA EXTERNA DA LÍNGUA PORTUGUESA

A região do Lácio<sup>4</sup>, onde está situada Roma, no século I a.C era a sede do Império Romano. Sua história está ligada ao Ocidente assim como a Bíblia ao Cristianismo, pois grande parte do conhecimento enciclopédico e filosófico que temos, devem-se às inovações desse macro-império, inclusive o aparecimento e desenvolvimento das línguas naturais ocidentais. A comunicação era estabelecida pelo latim.

A língua latina assim como qualquer uma do planeta também possui suas variantes

---

4 Região da Itália na qual a cidade de Roma foi fundada e cresceu tornando-se a capital do Império. Compreende um solo vulcânico porém fértil, onde podia-se habitar várias tribos indígenas-latinos.

culturais, sendo elas: o Clássico e o Popular, este último mais difundido entre as camadas populares do Império. A primeira era usada como fonte de instrução para a classe dominante, o “sermo urbanus”, de prestígio entre oradores, escritores, historiadores e poetas, imperadores e corte. Portanto existente nas modalidades, falada e escrita. A segunda variação, “sermo plebeius”, tradicionalmente conhecido como latim vulgar, popularizado entre as camadas menos escolarizadas, estava difundido em todo o Império na modalidade preponderantemente falada. Diferenças entre a primeira modalidade e a segunda estão presentes na pronúncia, no vocabulário, na sintaxe, e na morfologia. A distância que separava o latim vulgar do latim culto era a princípio pequena, mas já podia ser vista a partir do séc. IV a.C. O vocabulário era, em boa parte o mesmo, sobretudo o que servia para o uso da vida cotidiana: coisas, animais, plantas, etc. O latim vulgar nunca se isolou completamente da língua literária, pois sempre houve um convívio constante entre todas as classes, através do teatro, às vezes pela escola e, mais tarde, pela Igreja. Portanto, existiu sempre uma contribuição limitada, porém contínua, da língua clássica para a popular. Num processo de colonização, as comunidades linguísticas adaptavam às classes da corte, a realidade geográfica social e cultural existente.

Os fatores externos penderam à história do português arcaico estão ligados à região da Lusitânia<sup>5</sup> que desde o século III a.C já se tem notícia de sua proximidade com o povo dominador, romanos, assim como afirma Coutinho.

Em época posterior (séc V a.C) deu-se a penetração dos Celtas a grande família árica que procediam do sul da Alemanha e se haviam já apoderado do território da Gália. Fixaram-se principalmente na Galícia e nas regiões altas do Centro de Portugal. É possível que haja chegado até o sul deste país. Mas não parece ter sido esta única incursão dos Celtas na península. Crê-se com bastante probabilidade que outra invasão se verificou no século III a.C. O domínio céltico não se exerceu pacificamente( 1958, p.51).

Através da citação concluímos que desde o início do século III podemos contar com a presença de variantes no local. O contato com Roma já era inevitável deixando assim marcos incontestáveis na fala popular. Ainda nos diz Coutinho:

---

5 Território do lado oeste da Península Ibérica. Após a invasão do Império Romano passou a ser província romana da Hispânia. Ao sul fazendo fronteira com a Bética e ao norte com a Galícia. Mais tarde se tornaria Portugal.

Para a romanização das populações nativas, concorrem poderosamente vários fatores assim recrutamento militar dos jovens provincianos que depois de serviços prestados ao exército voltavam ao seio da família. O excelente sistema rodoviário romano que permite o fácil intercâmbio com a Metrópole. O direito de cidadania concedido. As urbes hipânicas pelos imperadores, e por último, o cristianismo pregado pelos padres num latim muito acessível, a qual fez desaparecer as diferenças sociais, unindo a todos, aristocratas e plebeus, romanos e estrangeiros, no século I da era cristã. ( 1958, p. 52-53).

Em relação a Portugal, a partir de 218 a.C, com a invasão romana da península, e até o século IX d.C a língua falada na região é o romance lusitano. Era variante do Latim. Um estágio intermediário entre o latim clássico e o vulgar e as línguas ditas modernas, preferivelmente o português de Camões. Infelizmente desse período restam-nos apenas, poucos registros de reconstrução fonética da fala, por meio do escasso material escrito.

Durante o período de 409 a 711 d.C, alguns povos de origem Germânica, instalaram-se, num processo migratório, em boa parte da região Ibérica. Nesse período, formava-se com o substrato linguístico da época, já existente ali, um aparato lexical que poria fim definitivamente à uniformidade da língua românica. A esse respeito passa-se a entender aqui por substrato a língua de um povo dominado que sucumbe ao novo sistema linguístico de seus dominadores, levando à formação miscigenada de dialetos bem diferenciados. Desse substrato, cita-nos o professor Silveira Bueno (1967,p.32) como exemplos, alguns vocábulos:

Guerra (werra), bando (bandwo), guardar(wardôn), roubar(roubôn), guarir, guarnecer(warjan), elmo (helms), dando(dardo), albergue(haribaigr), brasa(brasa), esposa(spaua).

A partir de 711 d.C. com a civilização islâmica em busca de expansão e colonização e outros povos, o árabe é adotado como língua oficial nas regiões conquistadas. Vale ressaltar que :

É mister assinalar que eram os árabes portadores de uma civilização incomparavelmente superior à da península. Os califas protegiam as artes e as letras. A ciência estava muito difundida entre eles. A medicina, a filosofia, a matemática, a história, contavam com grandes autores. Foram dois cientistas árabes, Avicena e Averróis, que vulgarizaram a doutrina de Aristóteles na Europa, traduzindo-lhe as obras e comentando-as. Em seus palácios, só califas organizavam valiosas bibliotecas (COUTINHO, 1958, p.56).

Em todo o território, as inovações fluíam e a sociedade se organizava de maneira sofisticada. Nesse período a riqueza de vocábulos trazidos do oriente penetrava exorbitantemente na cultura da época. Seus benefícios ainda podem ser citados no português atual como por exemplo: milícia, alvoroço, alazão, arraial, açude, alface, algodão, azeite, açúcar, berinjela, xarope, azul, anil, escarlates, algorismos, algema, cifra, Zenie, Alcântara, tejo, areé, até, Oxalá, lacraia, enxaqueca, arroba entre outros que podem ser encontrados em Silveiro Bueno(1967,p.34).

A partir do século XI , à proporção que os domínios lusitanos iam sendo recuperados pelos cristãos, os árabes são expulsos para a região sul da Espanha onde surgem os dialetos moçárabes<sup>6</sup>, a partir da mistura entre o árabe e o latim vulgar. Com o início da reconquista cristã , o galego-português<sup>7</sup> consolida-se como língua falada e escrita da Lusitânia, ganhando força entre os primeiros trovadores<sup>8</sup> do mundo ocidental. No Galego-português são escritos os primeiros documentos oficiais e textos literários fora do padrão latino, como os cancioneros<sup>9</sup>. Esta é a canção da Ribeirinha, uma poesia lírica amorosa escrita provavelmente entre os séculos XII e XIII, por Paio Soares de Taveirós e marcou o início de uma nova fase linguística ao final da Idade Média.

*“No mundo non me sei parelha,  
mentre me for' como me vai,  
ca ja moiro por vós - e ai!  
mia senhor branca e vermelha,  
Queredes que vos retraia  
quando vos eu vi em saia!  
Mao dia me levantei,  
que vos enton non vi fea!  
E, mia senhor, des aquel di', ai!  
me foi a mi muin mal,  
e vós, filha de don Paai  
Moniz, e ben vos semelha*

---

6 Cristãos ibéricos que viviam sob o governo muçulmano.

7 Língua medieval falada na região da Galiza. Dela descendem o português e o galego.

8 Líricos Medievais. Artistas nobres do sul da França que faziam poesias acompanhadas por instrumentos.

9 Livros impressos que contém uma coleção de canções geralmente medievais.

10 Canção da ribeirinha, marco inicial do trovadorismo português e da língua arcaica medieval.

*d'haver eu por vós guarvaia,  
pois eu, mia senhor, d'alfaia  
Nunca de vós ouve nem ei  
valía d'ũa correa.”<sup>10</sup>*

Sua tradução é:

*“No mundo não conheço  
ninguém igual a mim,  
enquanto acontecer o  
que me aconteceu,  
pois eu morro por vós e ai!  
Minha senhora alva e rosada,  
quereis que vos lembre  
que já vos vi na intimidade!  
Em mau dia eu me levantei  
Pois vi que não sois feia!*

*E, minha senhora  
desde aquele dia, ai!  
Venho sofrendo de um grande mal  
enquanto vós, filha de dom Paio  
Muniz, a julgar forçoso  
que eu lhe cubra com o manto  
pois eu, minha senhora  
nunca recebi de vós  
a coisa mais insignificante.”(Moisés.2006,p.20)*

Na medida em que os cristãos avançavam , os dialetos do norte interagiam com os dialetos moçárabes do sul, começando o processo de diferenciação do português em relação ao galego-português. Sua separação definitiva inicia-se com a independência de Portugal em 1185 e consolida-se somente quando os mouros em 1249 são derrotados e em 1385 os Castelhanos são expulsos. Para completar nosso estudo vejamos Coutinho quando diz:

Graças à eficiência dessas cruzadas é que se constituíram os reinos de Leão, Castela e Aragão, com terrenos conquistados aos mouros. Entre os fidalgos que foram à Península ajudar a combater os árabes, deve-se ressaltar a pessoa de D. Henrique, conde de Borgonha. Tão assinalados serviços prestou a causa da coroa e da religião neste particular, que D. Afonso VI, rei de Leão e Castela, em sinal de gratidão, lhe deu em casamento sua filha natural D. Tareja e lhe fez outorga do Condado Porlucalense, província do reino de Leão formada pelo território compreendido entre o Minho e o Mondego. (1958, p.57)

Depois deste feito estava formado o reino de Portugal, e a língua oficial era a galaico-portuguesa. Mas somente entre os séculos XIV e XVI, com o Renascimento e a construção do império ultramarino<sup>11</sup>, a língua se faz presente nas várias regiões da Ásia, África e América separando-se definitivamente do falar antigo. Com a publicação do cancionero geral<sup>12</sup> de Garcia de Resende<sup>13</sup> dá-se início ao português moderno, nesse período aparecem os primeiros gramáticos, a saber João de Barros e o padre Fernão de Oliveira, definindo a fonética, morfologia e a sintaxe. Em *Os Lusíada*<sup>14</sup> de Luís de Camões<sup>15</sup> vemos nitidamente a diferença. O português do âmbito da frase, da forma da palavra, já é próximo do atual.

Sintetizada a forma externa da língua, iniciamos pois, nossas reflexões a respeito de suas partes internas ressaltando as possíveis causas para a mutabilidade da mesma a partir do próximo tópico.

## 2.2 EVOLUÇÃO INTERNA DAS LÍNGUAS NATURAIS

O conteúdo sonoro de qualquer língua natural, por ocasião de situações históricas dos

---

11 Assim foi designado Portugal por ser uma grande potência em tempos de navegações.

12 Coleção de poemas palacianos reunidos pelo escritor Garcia de Resende.

13 Poeta medieval português, cronista e músico.

14 Considerado a obra épica-poética que deu início ao período moderno da língua portuguesa. Foi publicado no período do classicismo em 1572. A obra é composta de dez cantos, com 1.102 estrofes e 8.816 versos considerados oitavos decassílabos, esquematizados em ABABABCC. Conta as aventuras do navegante Vasco da Gama em busca do caminho marítimo para Índia. O poema é uma exaltação ao povo português.

15 É considerado o maior poeta de língua portuguesa. Sua obra épica é *Os Lusíadas*. Pouco se sabe de sua vida. Apouco depois de falecer sua obra lírica também ganhou fama, atravessando a Europa e consagrando-se como grande escritor.

quais perpassam o material fonético tende a sofrer mutações pelas quais passam os fonemas. Algum vocábulo permanece imutável enquanto outros no âmbito de sua estrutura se modificam a ponto de não serem mais os mesmos em suas origens. Cada falante nativo cria novas estratégias de comunicação, capazes de desestabilizar fonética e morfológicamente os elementos que formam essa estrutura. As mudanças linguísticas ocorrem constantemente no decorrer do tempo. A partir do momento em que uma comunidade linguística deixa de pronunciar qualquer som e passa a substituí-lo por outro, vemos a concretização da teoria.

São vários os fatores a que se atribuem as alternâncias da língua na sua matriz fonética, morfológica e sintática, contudo nos absteremos aqueles que julgamos ser os principais. Nos cita Coutinho três delas:

1. Lei do menor esforço;
2. Concorrência com o substrato;
3. Influência do contexto social e político.

Em favor da primeira nos diz o autor:

*Lei do menor esforço ou da economia, é uma lei universal, cujo domínio se estende a todos os ramos da atividade humana. Caracteriza-se pela simplificação dos processos empregados pelo homem, na realização de sua obra. Como lei fonética, a lei do menor esforço se exerce no sentido de tornar mais fácil aos órgãos fonadores a articulação das palavras, as mudanças e quedas de fonemas deveram obediência a esta lei.*(COUTINHO, 1967, p.147)

Conclui-se todavia que muito daquilo que conhecemos nas mudanças do português arcaico para o moderno atribui-se a esta lei, pois é tida como algo simples e válido para as diversas comunidades de falantes. Contudo ainda nos restam duas.

Ao passo que a lei do menor esforço contribui para a compreensão da formação de novos vocábulos, temos, em contrapartida, a concorrência com os substratos, que segundo Dubois, “designa toda língua que é introduzida largamente na área de outra, mas sem substituí-la, podendo desaparecer finalmente e deixando alguns traços linguísticos”(1973,p.576). Mesmo o latim sendo a

língua oficial do Império Romano, seu substrato não foi capaz de sustentar-se como unidade dos povos dominados. Assim, pela influência dos modelos de signos vocálicos já existentes, esse mesmo latim que outrora era padrão literário e cultural pela alta sociedade de Roma, teve que sofrer mutações ao tentar se adaptar aos adstratos, entendidos aqui como influências linguísticas à língua tomada como referência para o estudo em questão, das novas comunidades. Uma afirmação satisfatória podemos ter no exemplo dado:

*Mas acontece que, antes falava a população indígena dialetos celtiberos. Então, adotando por sua a língua dos vencedores, imprimiram os locais na língua de Roma, as marcas dos seus hábitos linguísticos. Falaram Latim com sotaques peculiar, o que teria causado a dialeção hispânica desse latim, ponto de partida da futura formação do castelhano, do galego – português, aurruriano e leonês (MELO, 1967, p.296)*

Com a afirmação de Gladstone podemos inferir que boa parte das mudanças ocorridas entre o português e o espanhol, italiano e francês e etc. Deve-se muito ao substrato linguístico que com suas marcas de tonalidade e adaptação impostos na língua do colonizador para a alteração do léxico.

Em última instância temos a influência social. Sabemos de precisão que a instabilidade da língua é mais corrente e avultado, e que a língua também se modifica no breve contato com outras sociedades. Nesses momentos de instabilidade do Império, a língua antes de tudo também parece estar sujeita às normas, padrões estéticos, oratórios e prosaicos. As palavras têm em sua formação a norma culta, e as frases sua razão gramatical lógica de se interpretar as sentenças que formam o pensamento.

Ainda em se tratando de contextos políticos, também não poderíamos deixar de mencionar as presenças sociais das elites. As elites culturais são um caráter determinante na formação dos indivíduos letrados ou não. Vemos em MELO(1967, p. 262). “É o caso por exemplo das academias, das escolas, da escrita, que tem mágico e decisivo poder”.

Esses elementos concorrem com evolução externa da língua como também na sua evolução interna, destacando a formação de novos vocábulos ao léxico já existente.

A língua nesse movimento social desenfreado não conseguiu permanecer unanime por si só. Com o fluxo mutável, perdeu alguns de seus princípios morfológicos e até semânticos em alguns de seus signos. O que não ocorre nesse caso quando a sociedade em sua organização estabelece por via de regras um padrão formal para seus falantes nativos. O ambiente caótico é propício para a transformação mais rápida e profunda.

O esboço até aqui abordado nos traz a ideia de que constantemente a língua passa por mudanças no decorrer de sua história, no tempo e nos ambientes, tanto físicos quanto mentais.

Faremos a partir do próximo tópico do nosso estudo uma rápida análise do português em se tratando dessas mudanças. Abordaremos em síntese, a língua que se transfigurou do Latim, e de seus vocábulos formais no âmbito da morfologia.

### 2.3 TEORIA E APLICAÇÃO DOS METAPLASMOS UNIVERSAIS E ANALOGIA

Ressalte-se aqui os diversos tipos de metaplasmos que constituem as mudanças da língua, em especial a língua portuguesa. *“De quatro espécies podem ser estas modificações. Com efeito, verificamos que elas são motivadas pela troca, pelo acréscimo, pela supressão de som e ainda pela transposição de som ou acento tônico”*.(COUTINHO, 1967, p.153)

De acordo com o exposto acima podemos dividi-los:

1. Permutação;
2. Adição;
3. Subtração;
4. Transposição.

Por **permutação**, entende-se também “a substituição de um fonema por outro, dando nova forma a palavra”.(COUTINHO,1967,p.143) Podemos subdividi-los em:

- a. Sonorização;
- b. Vocalização;
- c. Consonantização;
- d. Assimilação;
- e. Dissimilação;

- f. Nasalação;
- g. Desnalação;
- h. Apofonia;
- i. Metafonia.

Passaremos a explicar cada um deles, segundo Coutinho:

**a) Sonorização:** “é a troca de um fonema surdo por um sonoro”.(1967,p.143)

Ex: p e t quando mediais na palavra sonorizam-se em português em b e d:

- vitam- **vida**;

- capitiam- **cabeça**

**b) Vocalização:** “é uma transformação de uma consoante em vogal”.(1967,p.143)

Ex: p e b vocalizam-se em u.

- **absente**- ausente.

- **apto**- auto.

**c) Consonantização:** “é a permutação de uma vogal em um som consonântico”.(1967,p.143)

Ex: i e u consonantizam-se do latim para o português em j e v.

- **Iesus**- **Jesus**.

- **Magare**- **Vagar**.

**d) Assimilação:** “é a aproximação de dois fonemas, onde um exerce maior força sobre o outro”.(1967,p.143)

Ex: vocálico; navacula- **navalha**.

Consonantal; persona- **pessoa**.

**e) Dissimilação:** “é a perda de um fonema por já existir outro igual ou semelhante”.(1967,p.144)

Ex: caramellu- **caramelo**.

**f) Nasalação:** “é a transformação de um fonema oral em nasal”.(1967,p.144)

Ex: multu- **muito**; nec- **ne**- **nem**.

**g) Desnalação:** “é o fato contrário ao anterior. O fonema nasal passa a ser oral”.(1967,p.145)

Ex: **bõna**- **boa**; corona-**coroã**- **coroa**.

**h) Apofonia:** “quando o som da primeira sílaba de uma palavra se modifica ao se juntar com um prefixo”.(1967,p.147)

Ex: **ad + contu -accentu-** acento.

**Sub + jactu-** subjectu- sujeito.

**i) Metafonia:** “é a modificação sonora, resultante da influência que sobre ela exerce a vogal ou semivogal seguintes”.(1967,p.145)

Ex; a final /a/ abre o timbre do /o/tônico: bondôso- bondosa.

A final /a/ abre o timbre do /e/ tônico: êle- éla; êste- ésta.

A final /o/ fecha o timbre do /e/ tônico: arvoredo.

A final /o/ fecha também o timbre do 2 tópico: fogo; povo.

O /e/ final, que tem o mesmo valor do /i/, fecha o timbre do /e/ e do /o/ átonos: sede; torre;

Ainda segundo o autor, Metaplasmos de **Adição** “são aqueles que somam um fonema à palavra”(COUTINHO,1967,p.146). Dividem-se:

1. Prótese;
2. Epêntese;
3. Anaptixe;
4. Paragoge;

**a) Prótese:** “aumento de fonema no começo das palavras”.(1967,p.146)

Ex: **strare-** estar; **stella-** estrela; **scuto-** escudo.

**b) Epêntese:** “é o acrescimento de fonemas no interior das palavras”.(1967,p.146)

Ex: área- arena; stella- estrela.

**c) Anaptixe:** “consiste em desfazer um grupo de consoantes por meio de uma vogal no meio do vocábulo”.(1967,p.147)

Ex: **kruppa**(alemão)- grupo

**d) Paragoge:** “situa-se o aumento fonêmico no final da palavra”.(1967,p.147)

Ex: ante- antes.

Temos por definição os metaplasmos de **subtração** ou de **supressão**,“aqueles que diminuem um ou mais fonemas da palavra”.(COUTINHO,1967,p.147). São eles:

1. Aférese;
2. Síncope;
3. Haplogia;
4. Apócópe;
- e. Sinalefa.

Expliquemo-los:

**a) Aférese:** “perda de um fonema no início da palavra”.(1967,p.147)

Ex: **enamorare-** namorar; **abatina-** batina.

**b) Síncopa:** “perda de um fonema no interior da palavra”.(1967,p.148)

Ex: **malu-** mau; **bonum-** bom; **ego-** eu.

**c) Haplogia:** “perda de um fonema medial, por existir um igual, na palavra”.(1967,p.148)

Ex: **idololatria-** idolatria;

**d) Apocópe:** “perda de um fonema no final do vocábulo”.(1967,p.148)

Ex: **amare-** amar; **legale-** legal.

**e) Sinalefa:** “também conhecida como Elisão, é uma perda da vogal final, quando a palavra seguinte começa também por vogal”.(1967,p.148)

Ex: **defintro-** dentro; **deteste-** deste.

Para os casos de metaplasmos por **transposição** temos o seguinte conceito: “são aqueles que deslocam o som tônico da sílaba”.(COUTINHO,1967,p.149)

Ex: **erámus-** éramos; **bênção-** benção; **ocêano-** oceano.

Ainda que tenhamos expostos todos esses conceitos, sabemos que se faz satisfatório aqui mais um: a Analogia. Grande parte do léxico vocabular que nos pertence hoje, corresponde aos seus efeitos nas línguas que outrora atravessaram a história.

*Como analogia, os neogramáticos entendiam o processo segundo a qual a mente humana, estabelecendo semelhante entre formas originalmente distintas, interfere nos movimentos naturais dos sons, atrapalhando a atuação das leis fonéticas.*(MARTELOTTA, 2011, p.51)

Assim a analogia tende a reduzir as irregularidades aparentes das línguas quando um vocábulo age sobre o outro gerando igualdade ou aproximação do mesmo.

Teçamos, pois, considerações acerca dos principais casos de analogia em nossa língua: é de notar que em toda sua estrutura estabeleceu-se fatos contundentes, tanto no signo falado (fonética, morfologia e sintaxe) quanto no âmbito do significado (semântica). No plano da fonética podemos encontrar em Ismael Coutinho (1967,p.156) os seguintes exemplos:

**Ascensão (ascensão)-** por analogia com **assunção**.

**Excessão (exceção)**- por analogia com **excesso**.

**Forçar (fossar)** – por analogia com **focinho**.

**Serração (cerração)**- por analogia com **serrar**.

**Setim (cetim)** – por analogia com **sêda**.

**Vassa (vaza)**- por analogia com **vazo**.

**Ância (ânsia)**- por analogia com **ânsia**.

Segundo o autor, “Os homônimos mais conhecidos servem de modelo as pessoas menos cultas para a grafia dos autores(COUTINHO, 1967, p.167)”. A grafia das palavras e sua pronuncia constituem no parâmetro etimológico, raízes fundamentais para o estudo.

Com estes exemplos de analogias fonéticas, passemos a análise morfológica da mesma. Nomes masculinos e femininos são os principais pacientes da ação analógica. Nos nomes encontramos exemplos que nos foram legados do latim na 1ª declinação; com a terminação singular do acusativo em {a (m)}, este /a/ passa a ser caractere primordial para a formação do feminino, visto que, grande maioria destas palavras também o eram. Exemplo singular temos com os nomes da 2ª declinação. Por terminarem em {u(s)} no singular acusativo, temos a passagem deste {u(s)}, dando assim o caráter masculino a quase todos os vocábulos terminados.

Na categoria de número temos o s final para denotarmos plural, que por ação análoga todos os vocábulos constroem esta marca. Em suma veremos no quadro demonstrativo:

Feminino	1ª declinação	Singular	Transformação	Plural	Transformação
	<u>Servam</u>	<u>Servam</u>	Serva-	<u>Servas</u>	<u>Servas</u>
Masculino	2ª declinação	Singular	Transformação	Plural	Transformação
	<u>Ser<u>d</u>em</u>	<u>Serv<u>u</u>m</u>	Serv <u>o</u> (um)	<u>Serv<u>o</u>s</u>	<u>Serv<u>o</u>s</u>

Já na sintaxe, existem alguns casos de regência que aqui podem ser mencionados. São os casos, por exemplo, dos verbos transitivos diretos que por vontade popular ou desconhecimento julgam contrário. Neste sentido podemos citar: presidir, assistir, responder, etc.

*Nada mais é que uma modalidade da analogia, o fenômeno conhecido em gramática por contaminação sintática. A força de usar duas construções idênticas, o espírito acaba por fundi-las numa só. Deste modo, a combinação de “um pouco de água” com “uma pouca água” deu em resultado uma terceira*

*construção: “uma poça de água”. A mesma explicação tem a locução “as mais das vezes”.(COUTINHO, 1967, p.147-175)*

Fatos extremamente comuns vemos também na semântica. O sentido figurado é um recurso que a natureza humana para exprimir suas ideias e com isso ganhar tempo e rapidez nos seus pensamentos. Por analogia, os pensamentos abstratos podem facilmente ser interpretados. É o caso de uma poesia ou um texto narrativo qualquer.

*Por analogia, também se dá as vezes o nome de uma coisa a outra, que com aquela tenha alguma afinidade ou semelhança. Os nomes dos órgãos do corpo humano, sendo-nos os mais familiares, são os de que mais nós utilizamos para isso. É o que explica: pé de mesa, olho d'água, cabelo de comarca, braço de rio, boca da ponte, dente de engrenagem, cabelo de relógio, ouvido de espingarda, garganta de montanha, língua de fogo, dedo de palestra, cotovelo da estrada, barriga da perna, etc. A analogia semântica constitui o tropo conhecido por metáfora(COUTINHO, 1967, p.175).*

Com estas observações, finalizamos nosso último tópico. A língua ainda é, na sociedade globalizada de hoje, o meio mais eficaz de se comunicar e de se entender o ser humano, talvez não como ele realmente seja, mas simbolicamente, com este mecanismo maravilhoso avançamos um passo na determinação de quem somos, de onde viemos e para onde vamos.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esperamos com este esboço, ter contribuído de maneira satisfatória para o engajamento não só das áreas afins, como também a interessados no tema. Foram trazidas à tona várias citações, dentre as quais serviram de suporte analítico para as informações aqui veiculadas. Sabemos que ainda resta muito a se questionar, grandes desafios a enfrentar, e só com trabalho sério e árduo é que poderemos refazer os percursos a que se devem a língua.

O s resultados deste resumo se prestam às instâncias da observação e da especulação direta dos dados obtidos ao longo do mesmo. Através dele, pudemos perceber que a língua, em linhas gerais, é o pensamento enraizado e expresso de um povo, embora sua existência não implique na razão de ser de uma determinada comunidade de fala.

Em suma, para deixar claro e específico este conteúdo, elaboramos aqui um processo fácil e dinâmico, onde buscamos desenvolver uma análise que resgate os primores, tanto históricos, quanto sociais e culturais, pois em nossa concepção, falar a língua é abordar sobre o próprio ser pensante que se expressa através dela.

Após esta breve análise sobre o que teria sido a nossa língua materna nos períodos de passagem no latim vulgar para o português, o presente estudo tratou desde suas principais concepções e fundamentação, vencendo o desafio de mostrar de maneira simples e objetiva o contexto inicial do principal meio de transmissão de cultura de um povo.

Sua utilização constante, nos propiciou com clareza e satisfação, saber que apesar das dificuldades encontradas na ramificação de sua estrutura, ainda podemos contar satisfatoriamente com o objetivo precioso e eficaz para análise.

Tornamos, pois, visíveis agora as principais diferenças entre o latim, tanto vulgar quanto clássico, e nossa língua-mãe, na perspectiva de que, socialmente, culturalmente e transitoriamente temos um patrimônio a zelar. Patrimônio este, que é primordial para a comunicação e entendimento da humanidade. Está aqui a importância deste pequeno trabalho.

## **THE DIACHRONIC PORTUGUESE LANGUAGE EVOLUTION FROM METAPLASMOS**

**ABSTRACT:** The research carried out below is intended to provide a language-internal analysis of the Portuguese Language in the first periods of its development and dissemination by the West. With the epistemological foundations, the work already published of Ismael de Lima Coutinho teachers (1958) and Gladstone Chaves de Melo (1967), is structured such speculation on the topics: External historical evolution of Portuguese, internal evolution of natural languages, and theory and application of universal metaplasmos and analogy, which were decisive factors in the construction of the Portuguese archaic and modern.

**Keywords:** External history. Internal history. Language evolution. Metaplasmos. Analogy.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**BUENO, Silveira. A Formação Histórica da Língua Portuguesa.** 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 1967.

**COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática Histórica.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.

**DUBOIS, Jean. Dicionário de Linguística.** 8ª ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

**MARTELOTA, Mário Eduardo. Manual de Linguística.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

**MELO, Gladstone Chaves de. Iniciação à filologia portuguesa.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.

**MOISÉS, Massaud. A literatura portuguesa através dos textos.** 33ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

**NETO, Serafim da Silva. História da Língua Portuguesa.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988.